

CRIANDO MÉTODOS DE PESQUISA ALTERNATIVA: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*

Paulo Freire

Nesta conversa pouco sistematizada, um tanto à vontade, gostaria, quase pensando alto, de refletir sobre alguns problemas com que nos defrontamos enquanto educadores ou cientistas sociais, em nossa prática. Problemas fundamentalmente políticos e ideológicos e não apenas epistemológicos, pedagógicos ou das ciências sociais.

Um destes problemas com que primeiro nos confrontamos quando nos obrigamos a conhecer uma dada realidade, seja a de uma área rural ou a de uma área urbana, enquanto nela atuamos ou para nela atuar, (é saber em que realmente consiste a *realidade concreta*.)

* Exposição em inglês feita pelo autor, sem texto escrito, no Instituto de Educação de Adultos da Universidade de Dar-Es-Salaam, Tanzânia, em 1971. O autor fez algumas alterações no texto traduzido para esta publicação. Alterações, porém, que não comprometem o sentido fundamental de sua exposição feita há dez anos. Tradução de: Wilma Aparecida Silva e Patrícia Sarti.

Para muitos de nós, a realidade concreta de uma certa área se reduz a um conjunto de dados materiais ou de fatos cuja existência ou não, de nosso ponto de vista, importa constatar. Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população neles envolvida. Assim, a realidade concreta se dá a mim na relação dialética entre objetividade e subjetividade. Se me preocupa, por exemplo, numa zona rural, o problema da erosão, não o compreenderei, profundamente, se não percebo, criticamente, a percepção que dele estejam tendo os camponeses da zona afetada. A minha ação técnica sobre a erosão demanda de mim a compreensão que dela estejam tendo os camponeses da área. A minha compreensão e o meu respeito. Fora desta compreensão e deste respeito à sabedoria popular, à maneira como os grupos populares se compreendem em suas relações com o seu mundo, a minha pesquisa só tem sentido se a minha opção política é pela dominação e não pela libertação dos grupos e das classes sociais oprimidas. Desta forma, a minha ação na pesquisa e a dela decorrente se constituem no que venho chamando de invasão cultural, a serviço sempre da dominação.

Se, pelo contrário, a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. Se me interessa conhecer os modos de pensar e os níveis de percepção do real dos grupos populares estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo. Dizer que a participação direta, a ingerência dos grupos populares no processo da pesquisa altera a "pureza" dos resultados implica na defesa da redução daqueles grupos a puros objetos da ação pesquisadora de que, em consequência, os únicos sujeitos são os pesquisadores profissionais. Na perspectiva libertadora em que me situo, pelo contrário, a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta.

Quanto mais, em uma tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento.

Considero importante, nesta altura de nossa conversa, insistir mais uma vez sobre o caráter político da atividade científica. A quem sirvo com a minha ciência? Esta deve ser uma pergunta constante a ser feita por todos nós. E devemos ser coerentes com a nossa opção, exprimindo a nossa coerência na nossa prática.

Não é, por exemplo, de interesse da classe dominante, numa sociedade capitalista, que se implique o Povo como sujeito participante do seu próprio desenvolvimento! Numa tal perspectiva, a pesquisa não tem por que envolver os grupos populares como sujeitos de conhecimento e a formação do trabalhador vira “treinamento da mão-de-obra”. Treinamento para uma maior rentabilidade da força de trabalho e em cuja prática a tecnologia é vista como neutra ou a “serviço sempre da humanidade”. Não cabe, por isso mesmo, nesta visão, a discussão do processo do trabalho em busca de uma compreensão crítica do mesmo. Os projetos educativos existem somente para oferecer algumas indicações necessárias para se obter uma maior eficiência na produção. Os trabalhadores devem transformar-se em bons produtores e o serão tão melhores quanto melhor introjetem as razões do sistema e se tornem dóceis aos interesses da classe dominante.

Se é incoerente que um profissional reacionário, elitista, envolva os grupos populares como sujeitos da pesquisa em torno de sua realidade, contraditório também é que um profissional chamado de esquerda descreia das massas populares e as tome como simples objetos de seus estudos ou de suas ações “salvadoras”.

Se vocês lerem os escritos do Presidente Nyerere descobrirão que a sua visão é outra. Falando, por exemplo, do significado do desenvolvimento, ele diz: “Assim como não posso desenvolver um homem, uma

mulher, uma pessoa, se ele ou ela não se desenvolvem, tampouco posso desenvolver uma nação sem a sua gente”. É importante compreender as implicações desta afirmação. Uma delas, que tem que ver com o caráter político da educação, é a ênfase que o Presidente Nyerere dá à participação crítica de seu Povo, como sujeito, no processo de desenvolvimento do País. Para Nyerere, não há desenvolvimento sem a presença curiosa e responsável das massas populares na reconstrução da sua sociedade. Daí que o seu projeto educativo se oriente sempre neste sentido.

Se o objetivo de vocês na Tanzânia, que vem sendo explicitado nos documentos do Partido e nas obras de Nyerere, é a criação de uma sociedade socialista, a pesquisa aqui requer métodos participantes. O povo tem que participar na investigação como investigador e estudioso e não como mero objeto. É possível que certos cientistas sociais do Primeiro Mundo digam que, na medida em que o povo participe em investigações em torno de si mesmo estaremos estragando ou prejudicando a cientificidade da pesquisa. É que, segundo eles, esta presença popular não permite que os achados da pesquisa se apresentem em “forma pura”. O que ocorre, porém, é que, quando os mesmos cientistas sociais que fazem estas afirmações em torno da “pureza” dos achados, estão trabalhando na interpretação dos resultados de suas pesquisas, não podem evitar a interferência de sua subjetividade na interpretação que fazem. Como não podem evitá-la no momento mesmo em que “desenham” a pesquisa. Em última análise, sua subjetividade interfere na “forma pura” dos seus descobrimentos.

UMA SUGESTÃO PARA A TANZÂNIA

Baseando-me numa tal forma de conceber a pesquisa e a educação, refleti acerca da possibilidade de o Instituto de Educação de Adultos da Universidade de Dar-Es-Salaam tentar realizar algo nesta perspectiva, com objetivos bastante claros. O Instituto poderia dedicar-se ao estudo e à posta em prática de um projeto de pesquisa que não somente proporcionasse experiências para a formulação de estratégias da pesquisa alternativa mas também que **ensejasse a organização de um programa de Educação de Adultos**. A formulação de tais estratégias da pes-

quisa alternativa poderia mesmo vir a constituir-se em desafio a toda a Universidade em suas preocupações atuais em torno de como relacionar-se com os grupos populares.

Uma equipe que se suponha ter um bom conhecimento de Dar-Es-Salaam escolheria uma zona urbana ou suburbana da cidade na qual se faria a pesquisa que seria o ponto de partida do Programa de Educação de Adultos.

Em primeiro lugar, a equipe deveria informar-se sobre a existência ou não de estudos já realizados em torno da zona escolhida. É possível que alguma pesquisa já tenha sido feita, cujos resultados devem ser estudados pela equipe, não importa o método que tenha sido adotado.

Em segundo lugar, impõe-se uma delimitação da área na qual se faria a pesquisa, reconhecendo-se, naturalmente, que não há fronteiras rígidas em se tratando de cultura.

Delimitada a área, a equipe faria as suas primeiras visitas informais, anotando tudo que lhe chamasse a atenção, conversando com uns, com outros. Fundamental, nestas visitas exploratórias, seria a identificação de organismos populares ou oficiais como clubes de futebol, escolas públicas, clubes de dança, cooperativas, etc.

Em certo momento de amadurecimento deste processo de aproximação ou de intimidade da equipe com a população da área, se começaria a fazer visitas às lideranças responsáveis pelos organismos antes referidos. Nestas visitas a conversação deveria ser franca, sem provocar nenhuma dúvida nas pessoas visitadas quanto aos objetivos do Instituto. A equipe simplesmente diria: "Trabalhamos no Instituto de Educação de Adultos da Universidade de Dar-Es-Salaam e viemos aqui para, num primeiro momento, conversar com vocês sobre a possibilidade de realizarmos um trabalho juntos. Um trabalho com vocês e com outros moradores desta área. Isto significa, sem dúvida, que, se o povo desta área não aceita a nossa proposta, o trabalho não será feito".

Em seguida, obviamente, se teria de falar da pesquisa, de como se tem nela o ponto de partida do programa de Educação de Adultos, do método a ser adotado, do papel participante, crítico, de todos os que se envolverem nela; do direito que têm os grupos populares de mani-

festar-se em torno de seus próprios problemas e de falar de como superá-los.

Na medida em que vá havendo uma aceitação simpática à proposta, cabe à equipe sugerir à liderança de cada uma das agências sociais visitadas a necessidade de reuniões mais amplas, com a presença de pessoas associadas a elas. Nestas reuniões mais amplas, a interpretação dos objetivos do Instituto e do próprio método de trabalho já pode começar a ser feita, pelo menos em parte, por representantes populares. Na verdade, porém, cabe à equipe, nestes encontros mais amplos, explicar, pormenorizadamente, como o trabalho será realizado. Falar, por exemplo, da necessidade da constituição de grupos de 20 a 30 pessoas que se reuniriam, uma ou duas vezes por semana, no melhor horário para estes grupos, em diferentes salas das próprias agências sociais antes visitadas ou não. Grupos de pessoas que estariam juntas para discutir livremente em torno dos problemas considerados como fundamentais pela própria população. A estes grupos se juntariam representantes da equipe pesquisadora, cuja "voz", porém, jamais poderia ser "superior" à "voz" dos grupos populares.

Os debates em cada grupo, em torno de uma problemática sentida — como disse antes — pela população como fundamental, seriam gravados para mais facilmente poder ser consultados. Cada grupo elegeria um coordenador ou coordenadora e, no processo de seu trabalho, um relator. Este faria a síntese das posições de seu grupo em face da problemática debatida quando das reuniões finais, no momento em que todos os grupos juntos discutiriam os seus achados.

Estas discussões últimas proporcionariam aos pesquisadores profissionais e aos grupos populares — pesquisadores também — a elaboração de um documento final que, por sua vez, viria a ser de importância fundamental para a organização do conteúdo programático do Projeto de Educação de Adultos.

A PRÓXIMA ETAPA

Neste momento começa outra etapa da pesquisa: a do estudo crítico do discurso popular. O estudo da sintaxe, da semântica popular. O estudo das metáforas neste discurso. O estudo também dos diferentes níveis

de percepção da realidade. É a hora de o Instituto de Educação de Adultos solicitar mais contribuição a outros setores da Universidade. Convidar outros especialistas que se incorporariam à equipe inicial de pesquisadores no esforço de compreensão crítica do discurso popular. Entre estes especialistas, obviamente, estariam os lingüistas.

Os relatores de cada grupo, atuando como representantes de seus companheiros, deverão, tanto quanto lhes seja possível, estar ao lado dos diferentes especialistas nesta etapa da pesquisa. Eles terão o que dizer pois o que se estará fazendo é precisamente a análise compreensiva do seu discurso. Sua presença nesta etapa da pesquisa é, como nas demais, um direito seu.

“Mais e mais, disse certa vez Mao, devem os intelectuais tornar-se trabalhadores; mais e mais os trabalhadores tornar-se intelectuais.” Na verdade, se queremos realizar uma sociedade socialista, deixemos de lado o nosso elitismo. Começemos a dar provas de que acreditamos no Povo, mesmo reconhecendo as suas deficiências. Deficiências também as temos, e muitas . . .

Estou certo de que, engajados numa experiência como esta, estaremos fazendo, realmente, o aprendizado da superação do nosso elitismo

A ETAPA FINAL

A etapa final deste projeto hipotético seria a da organização de um pré-programa de Educação de Adultos a ser elaborado a partir das análises da realidade realizadas pelos grupos populares numa das fases primeiras da pesquisa e dos estudos do discurso popular. A elaboração deste pré-programa contaria igualmente com a participação necessária dos representantes dos grupos populares. Ordenadas as unidades e subunidades do pré-programa, a equipe pesquisadora que, nesta altura, já incorporaria naturalmente os representantes populares, voltaria à área popular. Novos encontros se fariam com os antigos grupos que debateram os temas considerados fundamentais pela população. Nestes novos encontros, seria discutido o pré-programa em suas unidades e subunidades. Se transformado em programa pela decisão dos grupos populares, suas unidades e subunidades passariam a constituir-se em objetos de conhecimento a ser desvelados na prática educativa a ser desenvol-

vida. Esta, por sua vez, se alongaria mais adiante em nova pesquisa, na continuidade dinâmica entre pesquisa e educação, que exige uma flexibilidade dos programas que vão se fazendo e re-fazendo, em lugar de serem estáticos e imóveis.

Suponhamos que seja possível levar a cabo este projeto e que vocês possam obter alguns bons resultados. Realizá-lo e aprender a fazê-lo melhor será um dos bons resultados a se esperar. Pôr em prática esta metodologia significa recriá-la, enriquecê-la; significa inventar métodos com os quais trabalhar de maneira que as pessoas não sejam meros objetos.

